



Maria Clara R. M. do Prado

Está a economia *economia Brasil* no fundo do poço?

A julgar pelos dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, referente ao comportamento de abril, sim.

Pode piorar? Também sim, considerando o intervalo de quatro a seis meses que distancia uma decisão de política monetária de seu efetivo efeito sobre o mundo real da produção e do consumo. Alguns economistas diriam que é preciso piorar para depois melhorar. Nesse caso, o ajuste, doloroso, estaria na direção correta.

Fato é que a economia brasileira dá sinais de estar entrando ~~na recessão~~ *a julgar pela* avaliação do economista Luís Afonso Lima, do BBV Banco, feita ontem em cima das informações do IBGE.

Os principais números, como se sabe, são: retração na produção industrial (quantidade) de 4,2% sobre abril de 2002; e redução de 0,1%, estabilidade portanto, sobre março desse mesmo ano, isso resul-

tinados ao consumo interno.

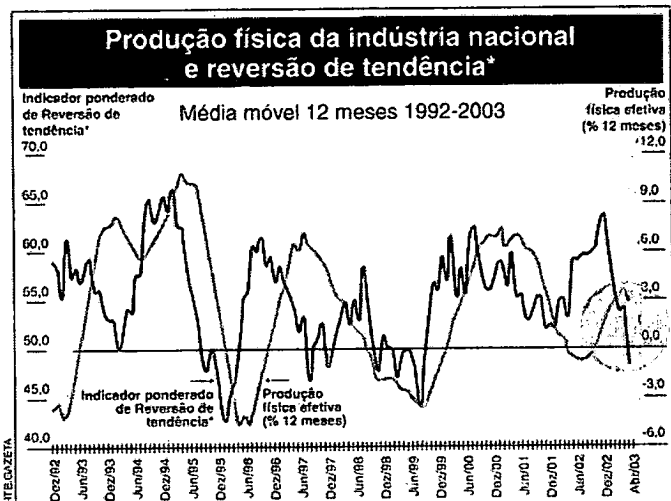
A maior demanda por intermediários aqui dentro tem o efeito de dinamizar a atividade de outros setores internamente, gerando mais emprego dentro do País e não no exterior.

É por isso que exportar sem importar é bom até um determinado limite. Até o ponto em que não compromete o funcionamento de outros setores que dependem do produto intermediário, também chamado de insumo, para crescer.

A conta só é nivelada quando o crescimento das exportações ~~é acompanhado pelo crescimento das importações~~.

‘Ou seja, quando a indústria interna tem condições de ser abastecida pelo produto importado na mesma quantidade daquele que é direcionado ao mercado internacional.

O processo de substituição de importações — que Lima desconfia já estar ocorrendo no setor de bens de capital — é



tando em crescimento de apenas 0,6% no acumulado dos quatro primeiros meses do ano sobre o mesmo período do ano passado.

Lima nota que fica evidente a baixa capacidade que têm o aumento das exportações e o processo de substituição de importações como motores de impulso à produção física da indústria do País.

Aliás, essa é uma constatação que não deveria surpreender, pois há muito se sabe que a força propulsora do crescimento da economia brasileira é a demanda interna e não a demanda externa, cuja contrapartida, aqui dentro, toma a forma de exportações.

Isso é ainda mais verdadeiro, conforme destaca Lima, nos setores de semiduráveis. “Nos setores de bens intermediários, dado o elevado nível de utilização da capacidade instalada, maiores contribuições da demanda interna só podem ocorrer em detrimento da contribuição do setor externo”, comenta ele.

Ou seja, naqueles setores só haverá crescimento se a exportação cair.

O espaço na produção, conquistado hoje por bens destinados ao mercado externo e que está perto da plena capacidade em alguns segmentos, teria de ser ocupado por produtos des-

uma alternativa saudável que tende a mobilizar investimentos e influenciar no crescimento.

Mas isso leva tempo.

No curto prazo, a produção industrial estaria amarrada, de um lado, ao baixo nível de consumo das famílias. “A massa real de salários, em queda de 4,3% no acumulado de doze meses, continua em queda livre na margem”, atesta Lima.

De outro, nota que a queda da produção é pulverizada: dos 19 setores da indústria de transformação, 14 teriam queda do produto na margem.

O processo é dinâmico. Começa da frente para trás. A retração dos setores de bens de consumo empurra para baixo a produção de outros setores.

“A contaminação intersetorial da queda da produção industrial confere resistência ao movimento, o que está evidente no indicador de tendência da produção industrial (cujo comportamento é apresentado no gráfico acima).

Lima acha que os sinais apontam para recessão econômica — ou dois trimestres consecutivos de queda dessazonalizada do PIB — ainda no primeiro semestre de 2003.

E-mail: mprado@gazetamercantil.com.br

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)